

Norte-americanos também querem juros baixos

por Pedro Cafardo
de São Paulo

O cidadão Denis Mahar tentou durante vários meses vender sua casa em Washington, nos Estados Unidos, onde trabalha, nos últimos dois anos. Não conseguiu.

Mahar, economista sênior do Banco Mundial (BIRD), contou seu caso pessoal, ontem em São Paulo, para mostrar que o cidadão norte-americano, tanto quanto o brasileiro e os dos demais países do Terceiro Mundo, está interessado na queda das taxas de juros. Com as atuais taxas — os juros para financiamento de habitações nos Estados Unidos estão atualmente em torno de 15% ao ano —, ele não conseguiu encontrar interessados em comprar sua residência, dado o valor elevado das prestações que o comprador teria de pagar pelo financiamento.

Mais do que a pressão do Terceiro Mundo, portanto, a pressão do cidadão norte-americano acabará fazendo com que as taxas de juros baixem nos Estados Unidos. Mas Mahar não espera nenhuma mudança na tendência antes das eleições presidenciais de novembro próximo. Até lá, o presidente Ronald Reagan não moverá uma única palha para promover a redução do enorme déficit fiscal do governo federal, a causa da alta dos juros.

Encerrada a eleição, porém, prevê o economista, o novo governo, seja democrata ou republicano, terá de tomar medidas para conter o déficit: aumentar impostos ou cortar despesas. Isso dará margem para uma política monetária mais flexível por parte do Banco Central dos Estados Unidos (Fed) com reflexos favoráveis nas taxas de juros.

Se o Fed afrouxasse a política monetária desde já, na opinião de Mahar, haveria o risco de um perigoso aumento das taxas de inflação, algo que o cidadão norte-americano não aceita. "Sofremos demais com a inflação durante o último governo democrata", disse Mahar durante almoço com a Associação dos Jornalistas de Economia de São Paulo (Ajoesp).